GARCIA, Rafael M. **Chieko Kojima e a internacionalização dos tambores japoneses.** Campinas: Unicamp. Doutorando no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP; Orientador: Eduardo Okamoto.

CHIEKO KOJIMA E A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS TAMBORES JAPONESES[1]

Rafael Mariano Garcia[2]

RESUMO

O objetivo deste artigo é o estudo da trajetória da dançarina e tocadora de *taiko* japonesa Chieko Kojima. Pertencente à segunda geração de artistas de *taiko* contemporâneo, originário no pós-guerra japonês, Kojima é uma das fundadoras do popular grupo profissional Kodô, sediado na Ilha de Sado. Na década de 1980, foi criadora do estilo *Hana-Hachijo*, uma adaptação contemporânea do estilo folclórico *Hachijô-daiko*, originário da ilha de Hachijô, e idealizadora do grupo Hanayui. Seu trabalho, que mescla *taiko*, danças tradicionais e atuação cênica, influenciou, nas últimas décadas, artistas dentro e fora do Japão. Kojima também passou a promover residências artísticas, espetáculos e parcerias com grupos e coletivos em diversos países das Américas do Norte e do Sul, Europa, Ásia e Oceania, colaborando com o processo de internacionalização do *taiko*. Assim, o texto abaixo se esmera na reflexão a respeito da importância de Kojima no cenário internacional, reconhecendo-a como uma das mais importantes representantes e divulgadoras dessa arte. Considera-se, neste levantamento, estudos bibliográficos e filmográficos a respeito dessa artista.

Palavras-chave: *Japão. Taiko. Chieko Kojima.*

ABSTRACT

This article aims to study the trajectory of the Japanese taiko player and dancer Chieko Kojima. Belonging to the second generation of contemporary taiko artists, originally from the Japanese post-war period, Kojima is one of the founders of the popular professional group Kodô, based in Sado Island. In the 1980s, she created the Hana-Hachijo style, a contemporary adaptation of folk style Hachijô-daiko, originally from the

[1] Este presente artigo é resultado da minha participação na disciplina "AC 202 – Tópicos Especiais em Atuação – Yoshioka Yumiko e o Processo de Internacionalização da Dança Butô" (2º sem./2020), ministrada pelo Prof. Dr. Eduardo Okamoto no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena IA/UNICAMP.

[2] Rafael Mariano Garcia é ator, mestre e doutorando em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas.

island of Hachijô, and created the Hanayui group. Her work, which mixes taiko, traditional dances, and scenic performance, has influenced artists in and out of Japan in recent decades. Kojima has also started to promote artistic residencies, shows, and partnerships with groups and collectives in several countries in North and South America, Europe, Asia, and Oceania, collaborating with taiko's internationalization process. This text reflects on Kojima's importance on the international stage, recognizing her as one of the most important representatives and disseminators of this art. This survey considers bibliographic and filmographic studies about the artist.

Keywords: *Japan. Taiko. Chieko Kojima.*

Chieko Kojima nasceu em Iwafune, cidade pertencente ao distrito de Shimotsuga, na província de Tochigi, no Japão. Conforme a página oficial da Agência de Assuntos Culturais do Japão[3], Kojima chegou pela primeira vez na ilha de Sado em 1976, na costa da prefeitura de Niigata, onde se tornou membro do grupo Sado no Kuni Ondekoza, na época coordenado por Den Tagayasu (1931–2001). Em 1981, após o fim de Ondekoza, Kojima, ao lado de Eitetsu Hayashi, Yoshikazu Fujimoto, Yoko Fujimoto, Motofumi Yamaguchi, dentre outros tocadores, fundam o grupo profissional Kodô. Kojima é também criadora do estilo "*Hana-Hachijo*" (flor de Hachijo), uma adaptação contemporânea do *taiko* folclórico *Hachijô-daiko*, originário da ilha de Hachijô. Contudo, mesmo sendo considerada uma das artistas mais respeitadas e influentes da atual geração, Kojima é nem sequer mencionada em estudos ou pesquisas (antigas e recentes) a respeito do *taiko* contemporâneo, onde apenas nomes masculinos são referenciados como fundadores, desbravadores, idealizadores, precursores e progenitores dessa arte, sempre considerados pela história como poderosos líderes, inigualáveis compositores e intérpretes de grande sucesso.

Como sugere a liturgia e cosmogonia da tradição xintoísta, tanto o teatro, quanto a dança e o *taiko* no Japão teriam nascido conjuntamente, graças a uma deusa conhecida como Ame-no-Uzume-no-mikoto[4]. Entretanto, as mulheres no Japão

[3] Disponível em: <https://culturalenvoy.jp/envoys/envoy_kaigai/h2405.html>. Acesso em: 7 dez. 2020.
[4] Segundo o livro "*Kojiki*" (Registro de Assuntos Antigos), Amaterasu tornou-se a governante do sol, e Tsukuyomi, seu irmão, foi nomeado o governante da lua. Ainda segundo a mitologia, Amaterasu tinha também um irmão mais novo, conhecido como Susanoo-no-mikoto, deus do mar. Conhecido por possuir personalidade violenta, Susanoo decidiu provocar sua irmã. Zangada, Amaterasu causou a divisão do sol e da lua, e se escondeu em uma caverna, jurando nunca mais sair. O mundo caiu na escuridão. Os deuses sabiam que se Amaterasu não emergisse da caverna, todas as plantas e animais pereceriam e o mundo se tornaria vazio novamente. Foi quando surgiu uma deusa chamada Ame-no-Uzume-no-mikoto. Ela olhou em volta e caminhou até um barril cheio de cobras sentadas ao lado da

sempre foram marginalizadas, excluídas e distanciadas dos tambores japoneses ao longo de séculos. Durante muito tempo, principalmente no período Edo (1603 – 1868), governado pelos shoguns da família Tokugawa, a mulher japonesa era social, cultural e espacialmente privada e "embrulhada" pelas indumentárias tradicionais. Segundo o estudioso Shawn Bender, foi apenas em 1877 que as mulheres puderam retornar ao palco, atuando como acompanhantes musicais (*Gidayû*) no teatro japonês *Bunraku* (BENDER, 2012, p. 442). Desse período em diante, é possível observar também xilogravuras e fotografias de mulheres tocando *taiko*. Como revela o documentário "Taiko Film: Healing Beats" (2018), dirigido por Iván Muñoz Ureta, um dos primeiros registros fílmicos do *taiko*, datado de 1900[5], revela mulheres japonesas dançando, tocando percussão e *shamisen*[6].

Fotografia 1 – Deusa Ame-no-Uzume-no-mikoto

Fotografia 2 – Mulheres *Gidayû*

Fonte: Domínio público

entrada da caverna. Uzume simplesmente sorriu, abriu o barril, jogou fora as cobras e o virou de cabeça para baixo. A deusa começou, então, a dançar de forma turbulenta e frenética. Amaterasu, ouvindo o tumulto do lado de fora, rolou a pedra para longe da entrada, emergiu da caverna e a luz do sol retornou ao mundo. Nasceu então, a partir desse momento, o instrumento de percussão.

[5] Em 1900, o Ministério da Educação japonês proibiu os alunos homens de assistir às apresentações das *Gidayû* mulheres. Posteriormente, o Departamento de Moral Pública e o Departamento de Polícia Metropolitana de Tóquio começaram a evocar as políticas de censura da era Edo (BENDER, 2012, p. 443).

[6] Disponível em: <https://youtu.be/-VyVGIEZTU8>. Acesso em: 6 dez 2020.

Já a partir da década de 1950, os tambores japoneses passaram a ser considerados como um gênero de entretenimento musical. Todavia, por mais que a criação do *taiko* contemporâneo por Daihachi Oguchi (1924 – 2008), precisamente em 1951, tenha sido na época impactante, revolucionário e inovador por libertar os tambores das amarras tradicionalistas e arcaicas, permitindo que qualquer pessoa tocasse o instrumento, as mulheres só foram permitidas no Osuwa Daiko após o grupo se afastar do santuário de Osuwa, na cidade de Okaya, província de Nagano, onde Oguchi, inicialmente, promoveu o novo estilo contemporâneo (Ibidem, p. 434). Entretanto, foi apenas nas décadas de 1980 e 1990 que as mulheres foram sendo aceitas nos treinos de *taiko*.

No entendimento da cientista social Raewyn Connell, as tocadoras enfrentaram aquilo que ela denomina de "masculinidade hegemônica" (CONNELL, 1995, p. 77-78). Para Bender, "Essa masculinidade hegemônica eleva discursivamente os tocadores de *taiko* do sexo masculino em relação às tocadoras de *taiko*, que, segundo se acredita, carecem da dotação física natural necessária para tocar o instrumento como os homens" (BENDER, 2012, p. 435, trad. nossa), reforçando, ainda segundo o autor, a ideia dos corpos masculinos como padrão, e os corpos femininos como exceção.

Apesar disso, debates sobre gênero, sexualidade e identidade tornaram-se frequentes entre os coletivos de *taiko*. Pesquisas a exemplo das teses de doutoramento "Drumming Asian America: Performing Race, Gender, and Sexuality in North American Taiko" (2011) da estudiosa Angela K. Ahlgren, e "Bodies in Motion: Gender, Identity, and the Politics of Representation in the American Taiko Movement" (2008) da pesquisadora Sarah Carle, dentre tantas outras, nos apontam uma série de mudanças nesse espaço até então dominado por homens. Masumi Izumi (2001), por exemplo, aponta a arte dos tambores japoneses como um importante meio das mulheres tocadoras reivindicarem e combaterem discursos estereotipados e socialmente construídos sobre elas. Visto que a imagem da "mulher oriental" sempre esteve associada a uma certa subserviência e mansidão. Segundo a pesquisadora Ahlgren em seu livro "Drumming Asian America: Taiko, Performance, and Cultural Politics" (2018), Chieko Kojima revela que o fato de se tornar artista a permitiu "escapar" do destino da maioria das mulheres japonesas, muitas vezes fadadas a se casarem e terem filhos (AHLGREN, 2018, p. 17). Ademais, muitos praticantes

passaram a assumir uma posição política de centro-esquerda, participando ativamente de eventos e comícios anti-racistas, feministas, LGBTQIAP+, etc.

No entanto, o androcentrismo epistêmico e o patriarcalismo acadêmico marginalizaram ou simplesmente apagaram a importância das mulheres no desenvolvimento do *taiko*, especificamente fora do Japão. Até o momento, por exemplo, o nome de Tangue Setsuko, uma das primeiras mulheres imigrantes a ensinar a arte do *taiko* no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo, em 1978, ainda permanece desconhecido entre os tocadores brasileiros. Já as narrativas oficiais, em sua maioria, citam apenas homens como progenitores do *taiko*. Nomes como Kobayashi Seidô, Onozato Motoe, Ishizuka Yutaka, Ishikura Yoshihisa, Eitetsu Hayashi, Kenny Endo, Seiichi Tanaka, Seido Kobayashi e Den Tagayasu, por exemplo, são atribuídos não somente como os responsáveis pelo desenvolvimento dessa arte no território nipônico, mas considerados, pelos estudiosos e praticantes, como os grandes encarregados pela globalização do *taiko* no mundo ocidental.

Fotografia 3 – Tangue Setsuko em 2018

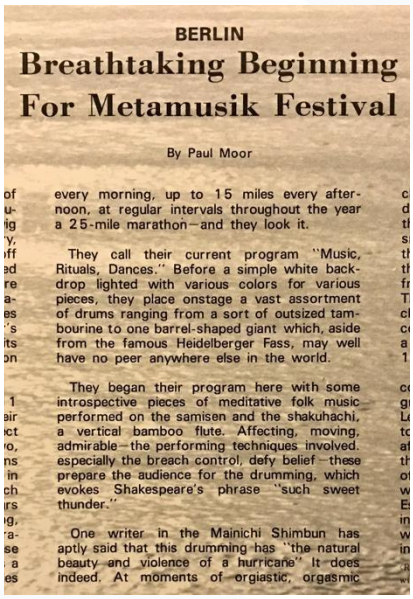
Foto: Jiro Mochizuki

Como revelam algumas pesquisas estadunidenses (CARLE, 2008; AHLGREN, 2011; BENDER, 2012), o japonês Seiichi Tanaka, nascido em Tóquio, é um dos responsáveis pelo início do movimento internacional do *taiko* nos Estados Unidos, em 1967. Tanaka não apenas fundou o primeiro grupo norte-americano, o San Francisco Taiko Dojo, mas tornou-se também uma referência graças ao seu famoso "*Tanaka Style*". O Ondekoza de Den Tagayasu é creditado como um dos

primeiros coletivos a desenvolver as primeiras turnês mundiais, entre as décadas de 1970 e 1980. Os tocadores de Oedo Sukeroku Taiko são apontados como os principais responsáveis pela disseminação dos desconhecidos "*tambour japonais*", sobretudo na França. Já graças ao grupo Kodô, o *taiko* tornou-se mundialmente conhecido, influenciando o nascimento de grupos nos Estados Unidos, Austrália e Alemanha. No Brasil, o livro comemorativo "*Kizuna – Jûnen No Nagare*" (2012) menciona apenas nomes como Yukihisa Oda e Yoichi Watanabe como os responsáveis pelo desenvolvimento do *taiko* em território brasileiro nos anos 2000.

Fotografia 4 – Estreia do grupo Ondekoza em Berlim no Festival Metamusik, em 4 de outubro de 1976. Segundo a crítica do jornalista Paul Moor, na época cinco mulheres pertenciam ao coletivo de Den Tagayasu

Fotografia 5 – Fita cassete do grupo Kodo II LIVE IN CALIFORNIA, gravado ao vivo no Zellerbach Hall na Universidade da Califórnia em Berkeley em 2 de novembro de 1982



BERLIN

Breathtaking Beginning For Metamusik Festival

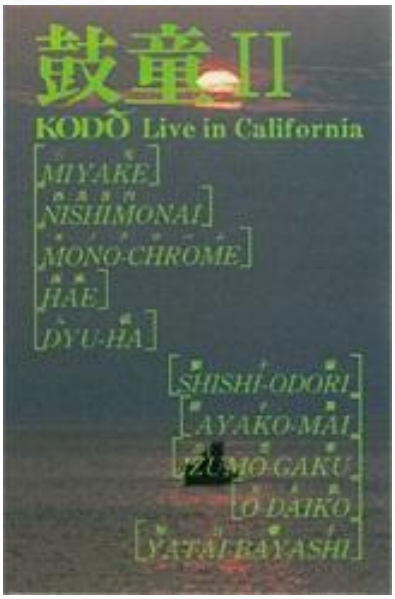
By Paul Moor

every morning, up to 15 miles every afternoon, at regular intervals throughout the year a 25-mile marathon—and they look it.

They call their current program "Music, Rituals, Dances." Before a simple white backdrop lighted with various colors for various pieces, they place onstage a vast assortment of drums ranging from a sort of outsized tambourine to one barrel-shaped giant which, aside from the famous Heidelberger Fass, may well have no peer anywhere else in the world.

They began their program here with some introspective pieces of meditative folk music performed on the samisen and the shakuhachi, a vertical bamboo flute. Affecting, moving, admirable—the performing techniques involved, especially the breach control, defy belief—these prepare the audience for the drumming, which evokes Shakespeare's phrase "such sweet thunder."

One writer in the Mainichi Shimbun has aptly said that this drumming has "the natural beauty and violence of a hurricane" It does indeed. At moments of orgiastic, orgasmic



Fonte: Taiko Source

Contudo, importantes mulheres, sendo apartadas das narrativas oficiais, conceberam uma série de grupos, técnicas e estilos dentro e fora do Japão. A exemplo disso, a artista francesa Mariko Kubota Sallandre, após participar de diversas turnês pelos Estados Unidos, Indonésia, Espanha e França entre os anos de 1994 e 1998, funda, anos mais tarde, o grupo Wadaiko Makoto na cidade de Paris, sendo nacionalmente reconhecida pelo "*Wadaiko de Mariko"*. A tocadora Miyuki Williams, ao lado de Neil Mackie, funda, em 1994, o coletivo Mugenkyo no Reino Unido, abrindo

espaço para o crescimento do "*Way of the Drum*" (O caminho do tambor) na Europa. Em 2006, na cidade alemã Oberhausen, localizada na região administrativa de Düsseldorf, Sayuri Ito, ao lado de outras tocadoras, cria o coletivo Amaterasu Taiko, espalhando o fascinante "*traditionelle japanische Trommeln*". Já Fiona Umetsu é responsável pela criação do primeiro e único grupo de tambores japoneses da Irlanda do Norte, o Ibuki Taiko. Esses são alguns nomes dos mais significativos, dentre outros.

Ahlgren (2018, p. 18) aponta que Chieko Kojima, em sua participação no North American Taiko Conference, em 2015, comparou a sua dança solitária "Nishimonai" com o seu sentimento de solidão e anonimato vivenciado no início de sua carreira, enquanto membro do grupo Kodô. Em "Nishimonai"[7], "[...] uma mulher solitária caminha lentamente pelo palco. Um longo quimono restringe os seus passos e um chapéu de aba grande esconde seu rosto - e também sua identidade - do público" (Ibidem, trad. nossa). Como ainda aponta Kojima, a sua participação em apresentações no coletivo dependia muitas vezes de uma estrutura que, na época, ditava que as mulheres poderiam dançar, mas não tocar *taiko* (Ibidem).

Após um período, Kojima enfrentou uma forte depressão que a afastou dos palcos durante anos. Pouco tempo depois, Kojima muda-se para Bali, na Indonésia, com o intuito de estudar dança. Ao retornar para o Japão, como resposta a tudo que enfrentou, a dançarina e tocadora decidiu elaborar o seu famoso estilo "*Hana Hachijo*", performance que mescla *taiko* com coreografias, danças tradicionais e toques dinâmicos[8]. A opção por recompor o estilo de percussão da ilha de Hachijo não foi à toa. Hachijô-jima, ilha localizada no Mar das Filipinas, a cerca de 287 quilômetros ao sul de Tóquio, é uma das poucas regiões do Japão onde mulheres podem tocar o instrumento de percussão[9]. Originalmente, a performance consiste em um *taiko* elevado na altura dos ombros e dois tocadores, um de cada lado, executando as batidas através de gestos expressivos.

---

[7] Disponível em: <https://youtu.be/ChyjjjAG80k>. Aceso em: 07 dez. 2020.

[8] Disponível em: <https://youtu.be/UW_Foe0vXyQ>. Aceso em: 09 dez. 2020.

[9] Desde dos tempos antigos, as performances folclóricas de *taiko* são predominantemente dominadas por homens. Mesmo com o avanço da participação de mulheres nas apresentações de *taiko* contemporâneo no Japão, os estilos folclóricos ainda são restritos apenas para homens. A exemplo disso, temos o *taiko* folclórico "Ondeko", originário da ilha da Sado (Disponível em: <https://youtu.be/74_uka7eqpQ>. Acesso em: 08 dez. 2020), e o estilo tradicional Yatai-bayashi, da região de Titibu (Disponível em: <https://youtu.be/ba8K8rcovfQ>. Acesso em: 08 dez. 2020).

A criação de "*Hana Hachijo*" é considerada a passagem de Kojima do passado ruim, onde atravessava sozinha os palcos, noite após noite, para o seu presente feliz. Na visão de Ahlgren, o seu estilo foi visto como a transformação da sua experiência em algo novo, "[...] que celebra sua liberdade de tocar e sua alegria em estar junto com outras pessoas no palco" (Ibidem, p. 20, trad. nossa). Além disso, o estilo "*Hana Hachijo*" permitiu que Kojima recebesse convites de diversos países para ministrar residências artísticas e apresentar espetáculos, tornando-se uma das responsáveis pelo processo de internacionalização dos tambores japoneses nas últimas décadas. A tocadora foi também nomeada embaixadora de intercâmbio cultural pela Agência de Assuntos Culturais do governo japonês.

Fotografia 6 – Chieko Kojima e Yuta Kato apresentando o estilo "*Hana Hachijo*", na cidade de Las Vegas, Nevada

Fonte: Taiko Community Alliance (TCA)

Em 2014, em parceria com o dançarino e coreógrafo espanhol Cesc Gelabert, Kojima estreou o espetáculo "La Cova de Pedra del Cel", em Barcelona, na Espanha. Conforme a página oficial de Gelabert Azzopardi[10], o projeto é apresentado como uma obra de simplicidade e profundidade, que promove um encontro entre duas culturas distintas, para além de uma mera sobreposição, mas que possibilita uma conexão por meio do movimento e do instinto (AZZOPARDI, 2014). Ainda segundo a página, ao longo do processo criativo, Kojima e Gelabert promoveram uma junção de

[10] Disponível em: <http://gelabertazzopardi.com/en/portfolio/la-cueva-de-piedra-del-cielo-2014>. Acesso em: 10 dez. 2020.

linguagens. De um lado, Kojima recriava alguns elementos da dança e teatro *Kagura*, a exemplo do *Matsu*, *Sambaso* e *Tamame-nomae*. Do outro, Gelabert trazia um tipo de dança tradicional originária da cidade de Valência (Ibidem).

No mesmo ano, Kojima ministrou um workshop intensivo de três dias no Asano Taiko US, em Los Angeles. Na época, tocadores de Seattle, Sacramento, Boston, Calgary e Montreal participaram do encontro. Ainda em Los Angeles, a dançarina e tocadora participou de um espetáculo colaborativo com artistas de diversos países, no *World Taiko Gathering* (Encontro Mundial de Taiko).

Fotografia 7 – Chieko Kojima e Cesc Gelabert em “La Cova de Pedra del Cel”

Foto: Rob Ribas

Fotografia 8 – Chieko Kojima em Los Angeles

Fonte: Yui Kawamoto

Em 2015, Kojima se apresentou ao lado do coletivo Taikoz, no Seymour Center da Universidade de Sydney, na Austrália. Conforme o site local do evento "[...] Chieko combina perfeitamente seu amor pelo movimento, som e ritmo em uma performance que levanta a seguinte questão: é *taiko*? É dança?" (AUSTRALIAN MUSIC CENTRE, 2015, trad. nossa). No ano seguinte, desembarcou no Reino Unido onde se apresentou no Merlin Theatre ao lado do grupo Taiko Meantime. O espetáculo de *taiko,* dirigido por Mark Alcock, contou também com a participação dos músicos britânicos Clive Bell e Hibiki Ichikawa. Em seguida, Kojima retornou para os Estados Unidos, onde ministrou um curso intensivo no Kaoru Watanabe Taiko Center, localizado na região do Brooklyn.

No ano de 2018, Kojima e os tocadores do Nagata Shachu, apresentaram em Toronto, no Canadá, o projeto YUKIAI, espetáculo com direção artística de Kiyoshi Nagata. Seguidamente, o grupo Ishindaiko, em parceria com a Fundação Japão, promoveu a oficina de "*Hana Hachijo*" na cidade de Londrina, interior do Paraná.

Fotografia 9 – Chieko Kojima em Toronto

Foto: Takashi Okamoto

Na cidade de Buenos Aires, Argentina, Kojima promoveu o espetáculo "Sonidos del Japón", ao lado do grupo Nikyokan Wadaiko, em 2019. Logo em seguida, a famosa "*artista japonesa de danza y percusión*" desembarcou na cidade de Santiago, Capital do Chile, onde promoveu a arte "*del wadaiko con la danza*", no Teatro San Joaquín.

Fotografia 10 – Chieko Kojima em Londrina

Fonte: Folha de Londrina

Inegavelmente, muitos tocadores (que ocuparam sempre um papel de destaque) exerceram um papel importante na globalização e internacionalização dos tambores japoneses, principalmente nas décadas de 1960 e 1970. Em 1964, na abertura das Olimpíadas de Tóquio, a performance de Oguchi levou as imagens de tambores japoneses rapidamente para o mundo, promovendo, na perspectiva de Bender, a "[...] (re)entrada simbólica do Japão no mundo como um país renovado e reconstruído [...]" (BENDER, 2012, p. 71, trad. nossa). Os tocadores do Kodô, Leonard Eto, Ryutaro Kaneko e Kan Kurit, em setembro de 1991, levaram pela primeira vez a arte dos tambores japoneses aos países africanos Gana, Nigéria e Senegal.

Contudo, é necessário erradicarmos a condição de marginalidade, que assombra há séculos o papel das mulheres no mundo do *taiko*, apagando seus rastros ou simplesmente as ignorando da história. Chieko Kojima é um grande exemplo de artista que vem, consideravelmente, abrindo fissuras nessa "masculinidade hegemônica", e que, através de sua arte, não apenas teve seu trabalho internacionalmente respeitado e aceito, mas repercutiu outras vozes femininas em um ambiente hipermasculinizado. Entretanto, nesse rastro de mudanças, o ambiente acadêmico e suas produções científicas e epistêmicas ainda carecem de lançar seu olhar para essas tocadoras que, há décadas, vêm construindo e transformando a arte dos tambores japoneses ao redor do globo.

Bibliografia

AHLGREN, Angela. *Drumming Asian America:* Taiko, Performance, and Cultural Politics. Nova York: Oxford University Press, 2018.

_____. *Drumming Asian America:* performing race, gender, and sexuality in North American taiko. Tese (Doutorado em Filosofia). The University of Texas at Austin, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TAIKO. *Kizuna - Jûnen Nen No Nagare*. São Paulo: s.n., 2012.

BENDER, Shawn. *Taiko Boom:* Japanese Drumming in Place and Motion. Berkeley: University of California Press, 2012.

CARLE, Sarah A. *Bodies in motion:* gender, identity, and the politics of representation in the American taiko movement. Dissertação (Mestrado em Música). University of Hawaii at Manoa, 2008.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.

IZUMI, Masumi. *Reconsidering Ethnic Culture and Community:* A Case Study on Japanese Canadian Taiko Drumming. Journal of Asian American Studies, vol. 4, n° 1, p. 35-56, 2001.

WEB SITES

AUSTRALIAN MUSIC CENTRE. *Taikoz:* The Beauty of 8. Disponível em: <https://www.australianmusiccentre.com.au/event/taikoz-the-beauty-of-8-1>. Acesso em: 08 dez. 2020.

GALABERT AZZOPARDI. *THE ROCK CAVE OF HEAVEN* (2014). Disponível em: <http://gelabertazzopardi.com/en/portfolio/la-cueva-de-piedra-del-cielo-2014/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

JAPAN CULTURAL ENVOY. 平成 24 年度文文化庁化交流使（海外派遣型）. Disponível em: <https://culturalenvoy.jp/envoys/envoy_kaigai/h2405.html>. Acesso em: 07 dez. 2020.

FILMOGRAFIA

TAIKO Film: Healing Beats. Direção: Iván Muñoz Ureta. Espanha: BEGAIN, 2019. Disponível em: <https://vimeo.com/275781225>. Acesso em: 23 jan. 2020.